

mente



SUMÁRIO

Fomos a Espanha, ao
"Columba 91".
Português e Espanhol -
escutismos diferentes. Há
um melhor que o outro?

fraternalmente 4
Cristina Quadros

E você, senhor dirigente?
É o polvo, o tubarão, o
golfinho ou "o tal"?

Responda ao nosso
inquérito

testemente 23
Manuel de Almeida

mandamente

Irmão de todos os outros
escutas?

Expliquem-me lá isso com todas
as letras...

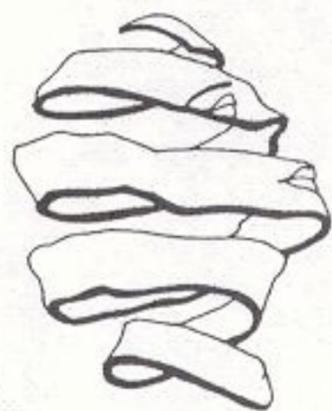
Zé Alfaiate

atentamente

Estamos de olhão!

E não gostamos de tudo:
especialmente de bocas a um
"governo de escuteiros..."

A. Cardoso



mente

ANO V - Nº 4 (2ª Série) JUL/AGO 91

No fundo...

AGIR

Foi verão.
Foram actividades.
Foi escutismo.
Escrevemos umas coisas
aqui no
Mente, mas
é disto que
gostamos,
da acção,
da ima-
gem...



FICHA TÉCNICA

Publicação do
movimento de encontro
novas tendências escutistas

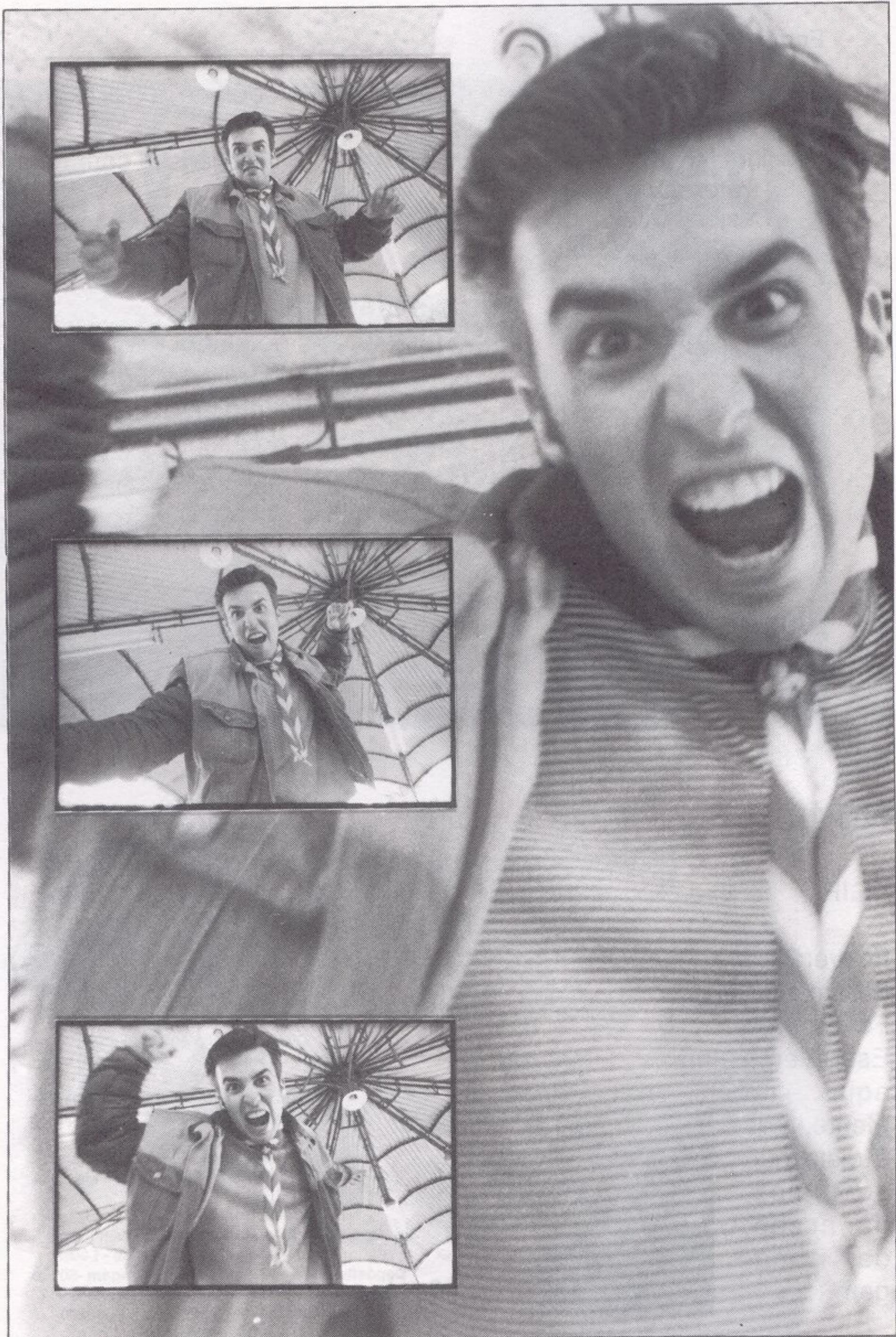
Propriedade
CNE -Instituição de Utilidade Pública-

Agr. 109-Stº António dos Olivais (Coimbra),
235-Figueira da Foz e 358-Sé Nova (Coimbra)
Redacção e Administração
Apartado 3089 - 3000 COIMBRA

Director - João Armando
Chefe de Redacção - Zé Alfaiate
Administração - Isabel Ferreira
Redacção - A. Cardoso, Carlos Sousa Santos, Cila
Rodrigues, Cristina Quadros, José Luís Malaquias,
Miguel Baio

Ilustrações - Carlos Duarte e Cila Rodrigues
Fotografias - C. F. 603 (Antanhol), José Meneses

Edição electrónica - Nuno Branco
Maquetização e Montagem - Joaquim Felício
Impressão - Tipografia Lousanense - Lousã
Depósito Legal - 7794/87 Tiragem -500 ex.
Registo de Publicações Periódicas nº 112912
Assinatura (anual - 6 números) - 600\$00



Um Editorial de uma publicação deve reflectir a opinião dessa publicação sobre um determinado assunto. E é normalmente escrito pelo director dessa publicação, como pessoa na qual convergem as múltiplas sensibilidades dos que nela trabalham.

O tema deste Editorial são as férias de Verão. E eu não sou o Director. E a posição da revista MENTE sobre as férias de Verão é a seguinte: estamos nelas! Ou melhor, estão nelas, porque eu sou o único que sobrei. Donde se percebe porque é que estou a escrever o Editorial.

A coisa foi assim: no fim da última reunião, altas horas da madrugada, após distribuir as tarefas para este número, alguém perguntou: “então e o Editorial?” “O que é que tem” respondeu o Director. “Estamos de férias em Itália”, resmungou a mulher do Director. “Podes fazê-lo tu, Felício?” “Oh pá, não, para o Alentejo, e depois vou para casa dos sogros, e depois vou por aí, e depois...”

“Então e o Sousa?” “Vai de férias” “E o Zé” “Vai mudar de casa antes de ir de férias com a Cila”. “Eu também não estou”, disse o Mi. A Isabel também ia. O Malaquias ainda não tinha vindo. Os novatos faltaram à reunião porque estavam de férias. “E tu, Meneses” “Eu, o Estado ofereceu-me oito mesitos de férias pagas...”.

Pois é. Sobrei eu. Espero que gostem do Editorial. E do vosso número de Verão.

Bom regresso de Férias...

A. CARDOSO

monate

CRISTINA QUADROS

QUE CONTACTOS COM OS ESCUTEIROS DE OUTROS PAÍSES?

Cada vez que conhecemos ou apenas vimos escuteiros estrangeiros, nos nossos acampamentos nacionais ou apenas a passear por este nosso país, renasce aquele sonho de um

dia poder também participar em actividades internacionais no estrangeiro. O nosso peito enche-se de uma mistura de admiração e inveja por eles terem conseguido. Começamos logo a pensar que eles devem ser ricos e que têm muitos subsídios, isto enquanto os assediamos para trocar connosco um lenço, um distintivo ou mesmo a camisa da farda.



Quando chegamos aos agrupamentos, com moradas espanholas, inglesas, belgas e francesas, são mil os sonhos de fazer um acampamento no estrangeiro até vir um orçamento das despesas que nos faz acordar. Depois desculpamo-nos: Estamos na cauda da Europa!; somos um país pobrezinho!, ninguém nos dá subsídios...

Os órgãos centrais do C.N.E, cansados de fazerem apenas de anfitriões e já que estamos na CEE, resolverem promover geminações de grupos portugueses com agrupamentos de outros países, e convidar agrupamentos a participar em actividades internacionais onde nos chama-

sem estrangeiros.

Dentro deste espírito, em Maio último aquando da realização da Cimeira Ibérica Escutista em Valladolid, ficou o compromisso português de enviar uma delegação ao Columba 91 - Acampamento Nacional de Pioneiros do MSC - Movimento Scout Católico de Espanha.

Os objectivos eram os melhores: promover o intercâmbio cultural e escutista dando a conhecer o nosso modo de viver escutismo e conhecer o escutismo espanhol, garantindo um enriquecimento mútuo e promovendo a fraternidade internacional.

A representação portuguesa no Columba foi pequena - 17 escuteiros - 14 pioneiros e 3 dirigentes, pertencentes aos

agrupamentos de Carnaxide, da Figueira da Foz e de Ponte-de-Sôr.

Não fosse a tradição portuguesa de deixar tudo para a última hora e o número seria maior e não teríamos corrido o risco de simplesmente não haver delegação portuguesa.

A possibilidade de participar neste acampamento foi feita por convites (convites?...) feitos directamente à chefia de 4 agrupamentos (um acabou por desistir) impondo um máximo de participantes em alguns deles.

Dado o convite tardio e o número citado de participantes, acreditámos que iríamos ter algum apoio da Junta Central, senão financeiro, em orientações e para obter subsídios, em contactos com Espanha, etc. Estando garantida a participação portuguesa no acampamento, julgaram estas instâncias ter cumprido a sua missão.

Conseguir o dinheiro para a participação no acampamento foi uma odisséia de três semanas.

Os pioneiros da Figueira da Foz ao ver o reduzido número de subsídios (uma loja comercial chegou à ironia de

contribuir com 100 escudos), tiveram de dar largas à imaginação e fazer a proeza de conseguir pagar integralmente a participação dos seus seis escuteiros.

As actividades para arranjar fundos foram simples, alguns pedidos de subsídios, recolha de objectos nos sótãos e nas lojas para fazer rifas (num sítio estratégico da cidade e numa barraca emprestada pela Câmara), reportagem fotográfica das promessas entretanto feitas, e venda de bonecos com lenços de escuteiros. E para todos os escuteiros que acreditam que é possível (sem "im") conseguimos cerca de 300 contos em três semanas.

E fantástico foi conseguir algo mais do que o pagamento do acampamento e das viagens; foi conseguir o envolvimento dos pais e um espírito de união entre os pioneiros e a sensação de conquista e de revolução de um projecto que persistiu viver um acampamento de modo especial.

O Columba 91 realizou-se de 20 a 27 de Julho em Covaleda e teve como tema "A empresa da paz, contigo".

A estrutura do acampamento era a seguinte: de manhã, cada um dos 4 subcampos ia a uma empreendimento que podia ser serviço - ajuda a idosos, entretenimento de crianças, limpeza de matas e do rio), descoberta - conhecer as cidades próximas ou o curso do rio Douro - (Duero em espanhol), desporto e natureza-construção de ninhos, conhecimento de flora e da fauna, energia renovável, itinerários ecológicos.

Durante as tardes além de

duas horas destinadas à vida da cidade havia ateliers - fotografia, rappel, dança, video, jornal, rádio, vidros, jangadas e formas de reflexão "pioneiros, e depois", "solidariedade" e "Religiosidade do adolescente".

As refeições eram feitas numa cozinha central e (podem-se rir) comíamos em mesas e em pratos de papel -

que estamos habituados em Portugal.

Não houve o costumeiro dia e meio de construção, e as tardes eram repartidas entre ateliers e foruns de reflexão. Aliás, costuma ser esta a prática nas actividades do M.S.C. - predomínio das actividades de reflexão, de serviço e de implementação da pedagogia da fé sobre as ac-

O Columba 91 foi um acampamento muito diferente do que estamos habituados em Portugal.

Não houve o costumeiro dia e meio de construção.

As refeições eram feitas numa cozinha central e (podem-se rir) comíamos em mesas e em pratos de papel.

usar e deitar fora (não adiantou eu dizer que gastar ali 30 000 pratos era antiecológico).

Houve ainda uma feira de apresentação de todas as regiões e de trocas gastronómicas e um espectáculo etnográfico feito pelos escuteiros.

Além destas actividades, as noites não eram bem conseguidas - não houve uma rica fogueira em campo e os pseudo-fogos do conselho eram espectáculos com palmas.

De salientar ainda o aspecto religioso. A celebração foi um momento alto e todos os dias a oração da manhã era baseada num personagem e o seu serviço - Luther King, Gandhi, Sting, etc.

O Columba 91 foi um acampamento muito diferente do

actividades técnicas, como pioneirismo, rappel, montanhismo e orientação e até fogo de conselho e animação.

Não restam dúvidas que neste segundo ponto somos muito melhores que eles (chegaram a perguntar-me se era carpinteira em Portugal, porque não tive dificuldade em fazer um ninho), mas temos muito a aprender com eles no primeiro aspecto.

Se continuarem as trocas de experiências Ibéricas (ficou o convite e a promessa de virem ao nosso Nacional em 92) e se soubermos conjugar o que cada movimento (MSC e CNE) tem de melhor, estaremos a contribuir para uma melhor educação dos nossos elementos e a fazer melhor escutismo.

PALAVRAS
SOBRE
O MOMENTO
DA
ASSOCIAÇÃO

Da descoberta
e do
arrojo...

Uma das características no nosso país que os estrangeiros que nos visitar mais apreciam é a hospitalidade que os portugueses lhes proporcionam. Com efeito, na maior parte dos casos, eles são tratados com simpatia, amabilidade, cordialidade. O português *genuíno* gosta de ser prestável, de poder ser útil áqueles que “honram a nossa casa com a sua visita”. Se um alemão pergunta a direcção de um rua ou localidade, o português (genuíno), mesmo não sabendo outra palavra da língua alemã que não seja “volkswagen” não deixa o pobre turista sem resposta e não descansa enquanto não lhe conseguir passar uma mensagem (nem que seja através da linguagem celebrizada por Marcel Marceau). O português é assim; gosta de ter contactos com pessoas diferentes, (o nosso passado fala por si) quanto mais não seja porque se convence que isso é um privilégio. E é mesmo, não numa perspectiva de relação vertical (“tudo o que é estrangeiro é bom, o que é português é mau”) mas numa relação horizontal (de troca, de partilha, de vivências diferentes e paralelas). Infelizmente, grande parte dos portugueses, apesar de serem possuídos de grandes sentimentos patrióticos (que algumas mentes perversas exaltam a seu contento) têm da relação de Portugal com o mundo uma ideia um bocado miserabilista: somos pequeninos, pobrezinhos, não temos importância nenhuma. Para esses o nosso papel é praticamente o de preparar e oferecer aos estrangeiros condições para um merecido descanso depois de 11 meses de grande azáfama governando este mundo em que vivemos. Ou seja, os nossos contactos com outras gentes passam por ficar cá à espera que cheguem, depositando-lhes então toda a nossa secular simpatia (o português “genuíno”) ou aproveitando todas as ocasiões para os enganar (o português “tipo CEE”).

Digamos que, nos dias que o mundo hoje atravessa, esta ausência de necessidade de “buscar o outro”, de alargar horizontes de uma maneira activa, de querer conhecer e experimentar, não ajuda muito à necessária tomada de consciência de que, sendo todos vizinhos, moradores em sítios diferentes que nos proporcionam experiências e emoções diferentes, só teríamos a ganhar se faltássemos mais uns com os outros, se vissemos outros sítios, se experimentássemos outras sensações, enfim, se aproveitássemos ao máximo esta nossa curta estadia terrena.

Os escuteiros portugueses, precisamente por o serem (portugueses) e por serem animados por chefes da mesma nacionalidade, enfermam (como é natural) das maleitas apontadas. Se numa reunião de grupo alguma equipa tem o azar de propôr uma actividade de Verão no estrangeiro arrisca-se a, após cessar a gargalhada geral, ouvir comentários do género: “E quem é que paga, são vocês?” ou “Só se formos a pé!” ou ainda “Já agora podíamos fretar um foguete e ir a Jupiter!” e outras piadas do género. Conclusão: pela décima quarta vez a actividade de Verão realizara-se-á na quinta do prior ou coisa que o valha. E ainda vos digo mais: o chefe

de grupo foi dos primeiros a não conceder importância à ideia de ir ao estrangeiro.

Esta caricatura pode passar-se, com certeza, em qualquer agrupamento do CNE, e é pena. É pena que a “consciência internacional”, expressão cara a alguns dirigentes nacionais, e a “fraternidade mundial” sonho (utopia?) do nosso fundador, sejam conceitos muito pouco enraizados na prática do CNE e dos seus dirigentes.

“Mas porque é que não fazem actividades internacionais?”

Se puséssemos esta questão a diversos chefes de pioneiros ou caminheiros estes, entre “Não sabemos como” ou “Fazer o quê?” ou “Os pais não deixam” ou coisas do género, apontariam o aspecto económico como o principal entrave à realização ou participação numa actividades desse género. Hoje acredito que isso é um falso problema. Um grupo ou clã motivados (e só assim!) pode arranjar os meios que necessita com maior ou menor dificuldade: lancem rifas, vendam publicidade em camisolas (deixemo-nos de preconceitos) organizem bailes, torneios de futebol, vendam um jornal, juntem papel, lavem carros, peçam subsídios... Tudo isto para suportar um projecto bem pensado, sólido, com objectivos, um projecto, em suma, a que pessoas e en-

O Ridículo

Se numa reunião de grupo alguma equipa tem o azar de propôr uma actividade de Verão no estrangeiro arrisca-se a gargalhada geral.

E o exemplo

E ainda vos digo mais: o chefe de grupo foi dos primeiros a não conceder importância à ideia de ir ao estrangeiro.

tidades reconheçam valor e que pensem valer a pena auxiliar.

Pode demorar um ano ou mesmo dois, mas é possível. E, caros chefes, não estarão a fazer mais do que a aplicar a pedagogia do projecto (do empreendimento, da caminhada): o grupo marca o seu objectivo e trata de arranjar os recursos humanos, financeiros e técnicos que o permitam atingir. Parece fácil, não é?

O tipo de acção a levar a efeito pode variar consoante a unidade (grupo ou clã) em causa e o seu grau de "maturidade" ou crescimento. Unidades de agrupamentos antigos com uma grande variedade de actividades realizadas buscarão, por certo, projectos mais ambiciosos do que unidades recentes que dão os seus primeiros passos. As hipóteses são imensas, desde a simples troca de correspondência com um grupo (trocando ideias de actividades, por exemplo) até à realização de actividades de cariz humanitário em África (franceses, italianos, ingleses fazem-no) passando pela participação em acampamentos ou actividades noutra país (Jamborees, "Nacionais",

Seminários, convites a grupos para vir a Portugal, excursões (meramente "turísticas" ou não), "estadias" em grupos estrangeiros, realização da grande actividade de Verão no estrangeiro etc, etc...

A descoberta da Europa é algo que se impõe neste momento aos jovens portugueses. O futuro assim o



exige. Gostemos ou não, a identidade europeia está gradualmente a ser conseguida. Incentivar e apoiar os jovens a terem contacto com gentes de outros países, com outros lugares e com outras ideias, para além da abertura de mentalidades que proporciona (e não é a revolução das mentalidades aquilo de que Portugal mais precisa?) acaba por ser mais uma acção pedagógica na integral formação dos homens e mulheres do amanhã. E isso é o principal.

Por onde e como

começar? Antes de tudo, cada unidade que conte principalmente consigo própria (ou com alguma unidade vizinha com experiência). Podem e devem ser contactados os Secretários Inter-Regionais ou o Secretário Internacional, no entanto o nosso conselho é "digam não à dependência"... Um bom sítio

para começar é Espanha: está perto, tem locais atraentes para conhecer e realizar actividades, tem escuteiros com vontade de fazer acções conjuntas (temos moradas de alguns), tem um escutismo bem diferente do nosso com o qual muito poderíamos

aprender e ao qual muito podíamos transmitir. Ficarão surpreendidos como os nossos vizinhos podem ser diferentes do estereótipo que por cá corre...

O apelo aqui fica: usemos um pouco mais! Larguemos esta nossa atitude envergonhada, complexada e vamos por aí, alegremente e sem receios de sermos vistos.

É que já falta a quantidade de gente que nem sabe que Portugal é um país!

atentamente

A. CARDOSO

... seguimos a actuação do Delegado do CNE no Santuário de Fátima. Interessante a forma delicada e eficaz com que fez o seu trabalho. Curiosa a aplicação dos efectivos. Tentar adivinhar as asneiras que faria a seguir tornou-se um passatempo útil e agradável. Foi a primeira vez que lá fomos e ficámos impressionados. O domínio que demonstrou da pedagogia escutista também foi notado. Pena que não conseguíssemos falar com ele: era um homem verdadeiramente ocupado; seria interessante descobrir o que era a tal "Polícia Escutista". Leiam o artigo no próximo número.

... lemos a circular nº 77/91, sobre o Serviço no Santuário de Fátima. Não, não contribuíram para clarificar; só regulamentaram. Será que anda tudo doido? Mais uma para o próximo número.

... vimos na T.V. escuteirinhos a distribuir folhetos da ACEL sobre a conservação das florestas. Mais ou menos ao mesmo tempo que as Guias faziam, o seu AcaNac, patrocinado pela ACEL, numa quinta da Soporcel, ou da Portucel sei lá, era uma "cel" qualquer. Um dia as "cel" vão fazer uma asneira. Os movimentos ecologistas vão responder. E quando nos pedirem para ficar calados, que lhes poderemos responder?

... ouvimos o Presidente da Câmara de Lisboa a dizer ao país que não pretendem dar-lhe "um Governo de escuteiros". Quererá com isto dizer que os seus ministros não seriam honestos, nem estariam dispostos a fazer o bem, ou a educar e ajudar os jovens, ou trabalhar de borla pelo bem comum, ou tanta coisa mais? Ou será que a nossa acção na sociedade está a ser tão apagada que só servimos como termo de comparação, como os anjinhos? Se calhar era boa altura para alguém ir à televisão dizer ao país que os escuteiros não querem um governo de socialistas...

... temos seguido a actuação da Junta Central na representação e defesa dos interesses das Regiões. As queixas dos "esquecimentos", os requerimentos que não se entregam a tempo, os pedidos que não se fazem, a força de um "lobby" escutista que se revela nula. Desanimador.

... seguimos a restauração da soberania nos países bálticos. Com razões redobradas: a Estónia e a Letónia são membros-fundadores da Organização Mundial do Movimento Escutista. E o Escutismo na Lituânia nasceu com o CNE - em 1923. Foram todos suspensos pelos nazis em 1940. Será que ainda existem? Que tal convidá-los para o 18º AcaNac? Com estadia das delegações a expensas do CNE. Eles não só precisam como merecem. E o CNE bem precisa de "dar o salto" para uma mudança qualitativa nas relações internacionais.

formativa

JOAQUIM COSTA(*)

Formação ou Desformação?

Dois jovens e mais uma mão cheia deles foram despedidos de um agrupamento. As causas nem eles sabem e ainda estão para saber. Um dirigente resolveu, sem pensar no sentido que o escutismo tem em relação aos jovens, limpar uma secção. Vai daí e záz! - jovens com idades de caminheiros e recentemente saídos de séniores vêm assim, de um momento para o outro, cortarem-lhes as pernas, sem que sejam ouvidos de verdade e apresentem suas razões. Assim vai o escutismo.

Os pais, preocupados, investem na defesa dos seus filhos, primeiro junto de responsáveis, procurando o remédio para o mal que atingiu jovens na busca da verdade.

Por ironia do destino agarram-se a uma tábua de salvação, a um dirigente que cumpre e sempre cumpriu e não pactua com pedagogias que ferem a susceptibilidade de quem busca formação.

O escutismo é uma escola de formação integral, física, moral e intelectual; desvirtua-se o seu sentido com resoluções contrárias.

Os dirigentes ainda não têm nem diplomacia, nem humildade, nem reflectem no que fazem. Corta-se a direito.

Não cedem - radicalizam; não resolvem - são apoiados por adultos e enterram-se

num processo que nada dignifica.

Depois queixam-se de que o movimento é desrespeitado quando ele é desrespeitado a partir das suas acções.

Resultado: invertem-se os papéis: as vítimas são criminosos. Que educação se quer dar aos jovens? Dá-se-lhes a possibilidade de se abrirem e depois de os jovens cumprirem "o escuta é leal" são considerados indesejáveis. Qual o princípio pedagógico que se quer dar ao movimento? Queixam-se os dirigentes que é preciso disciplina quando a disciplina devia começar por eles...

Fui para a barricada dos jovens que foram defraudados no seu sentido formativo. Que pensarão eles do movimento e dos seus dirigentes?

Por ironia alguns adultos deixaram de me visitar e outros até evitam cumprimentar-me. Medo ou pressões de outrem? Uma coisa é certa: que aqueles que me apoiam são exactamente os jovens de quem tenho recebido muita amizade e sobretudo amor.

A estes jovens não deixaram que se defendessem, para já, que se repuzesse no são o acontecimento; até pelo que os estatutos rezam.

Nem os pais têm acção na pedagogia dada por um dirigente; nem podem assistir ao conselho de agrupamento ou, quando podem, nada podem fazer; não podem ter voz activa nos processos pedagógicos.

Na verdade quando o jovem precisa "o escuta auxilia o seu semelhante em todas as circunstâncias" é quando não é ajudado. Um escuta não pode ajudar aquele que prevarica. Mas eu como verdadeiro escuta auxilio os jovens que foram feridos e auxilio os dirigentes chamando-os à atenção para que acabem de vez com pseudo-pedagogias que não são já para os nossos dias.

(*) - Região do Porto

AGIR!

RIVR32



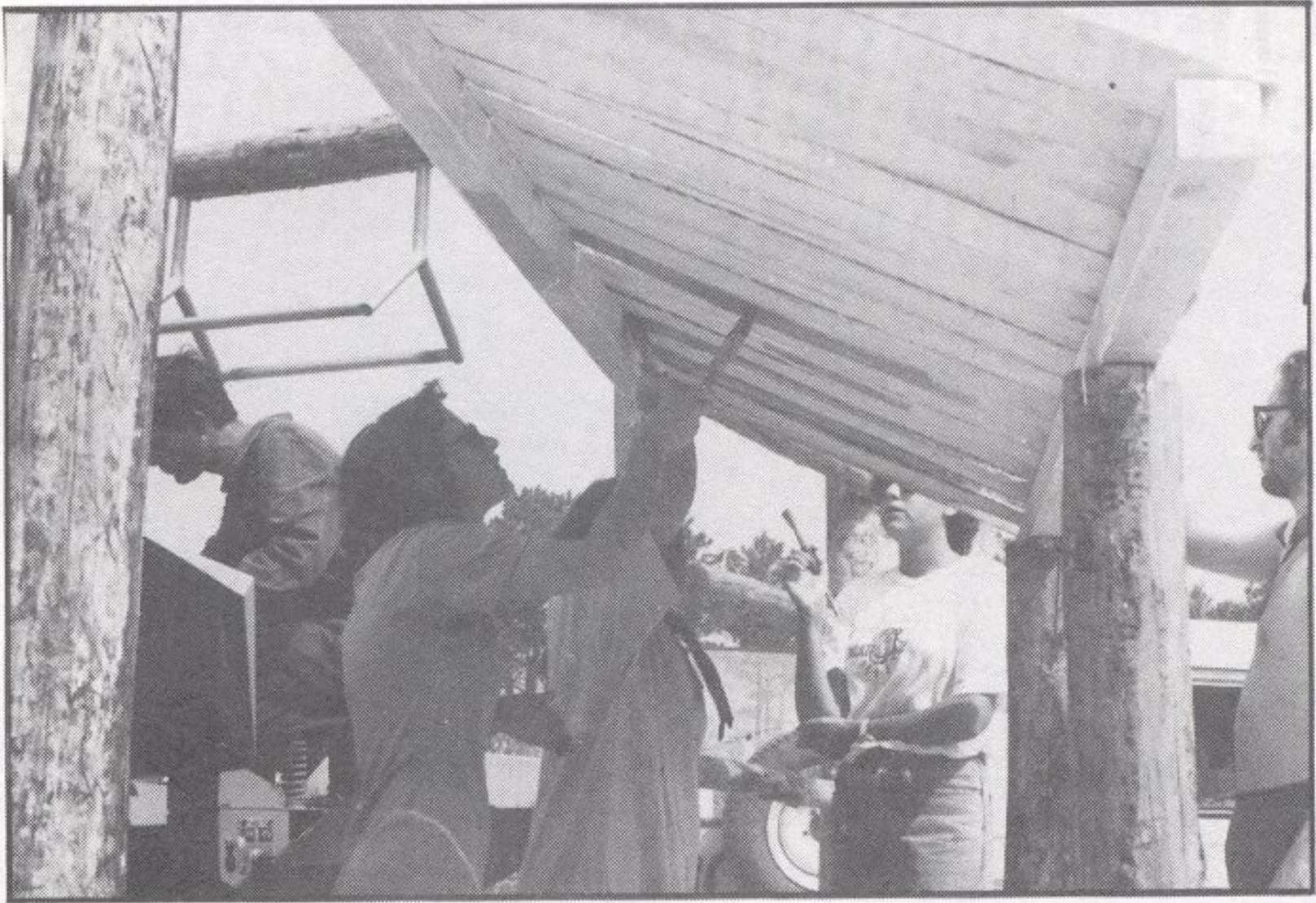
SERVIR



Servir quem? Os outros, claro. A comunidade. As crianças. Os velhos. Quem precisar.

Mas quantas vezes nos servimos só a nós...





Este ano houve um Encontro Nacional de Caminheiros. Talvez por acaso decidiram construir um Parque Infantil. Conhecimentos, trabalho, materiais, tudo de graça. Para Servir os outros. O Presidente da Junta não queria acreditar!

O Parque lá ficou. Bonito e funcional. Parabéns caminheiros!



FÁTIMA - os peregrinos e os outros

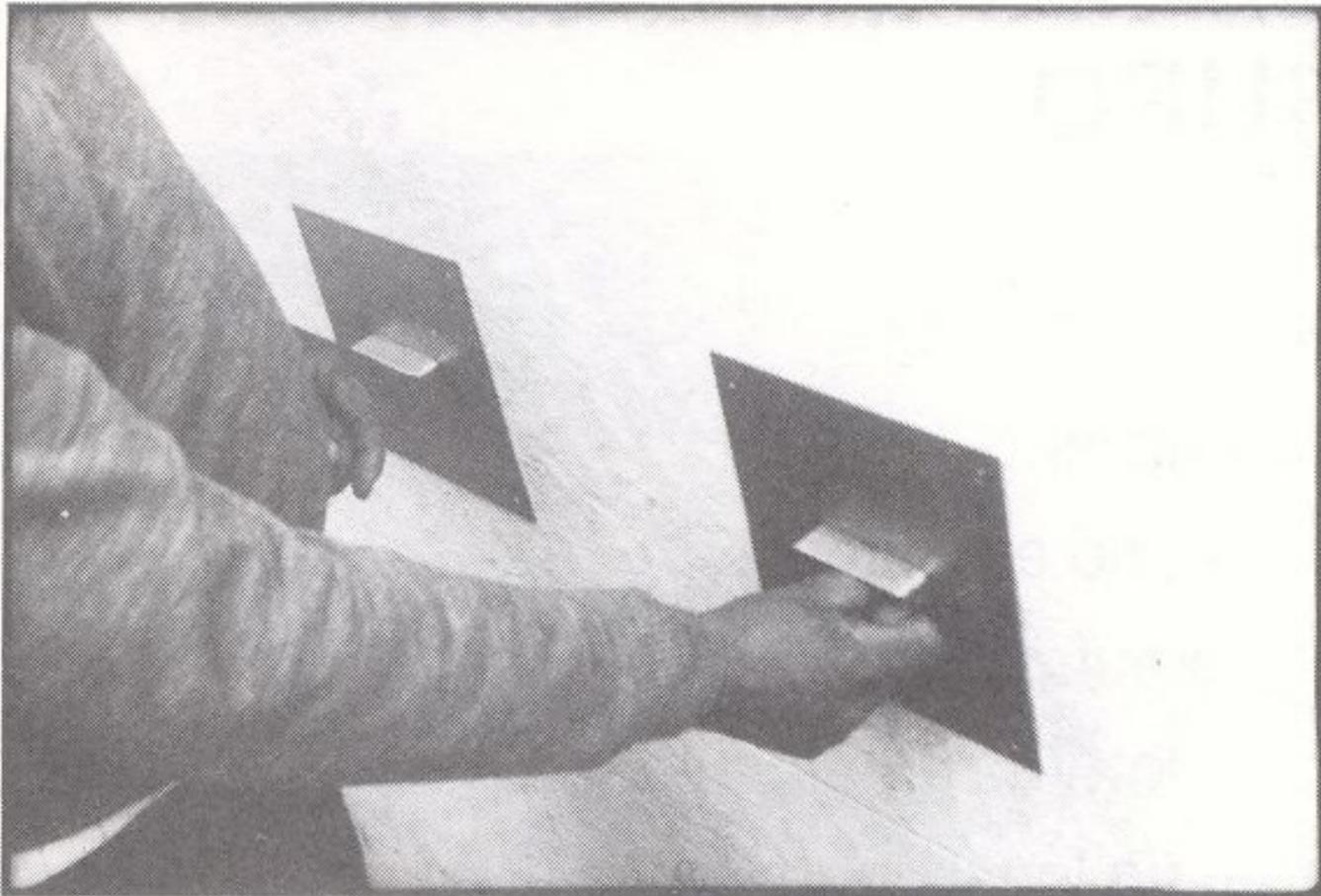


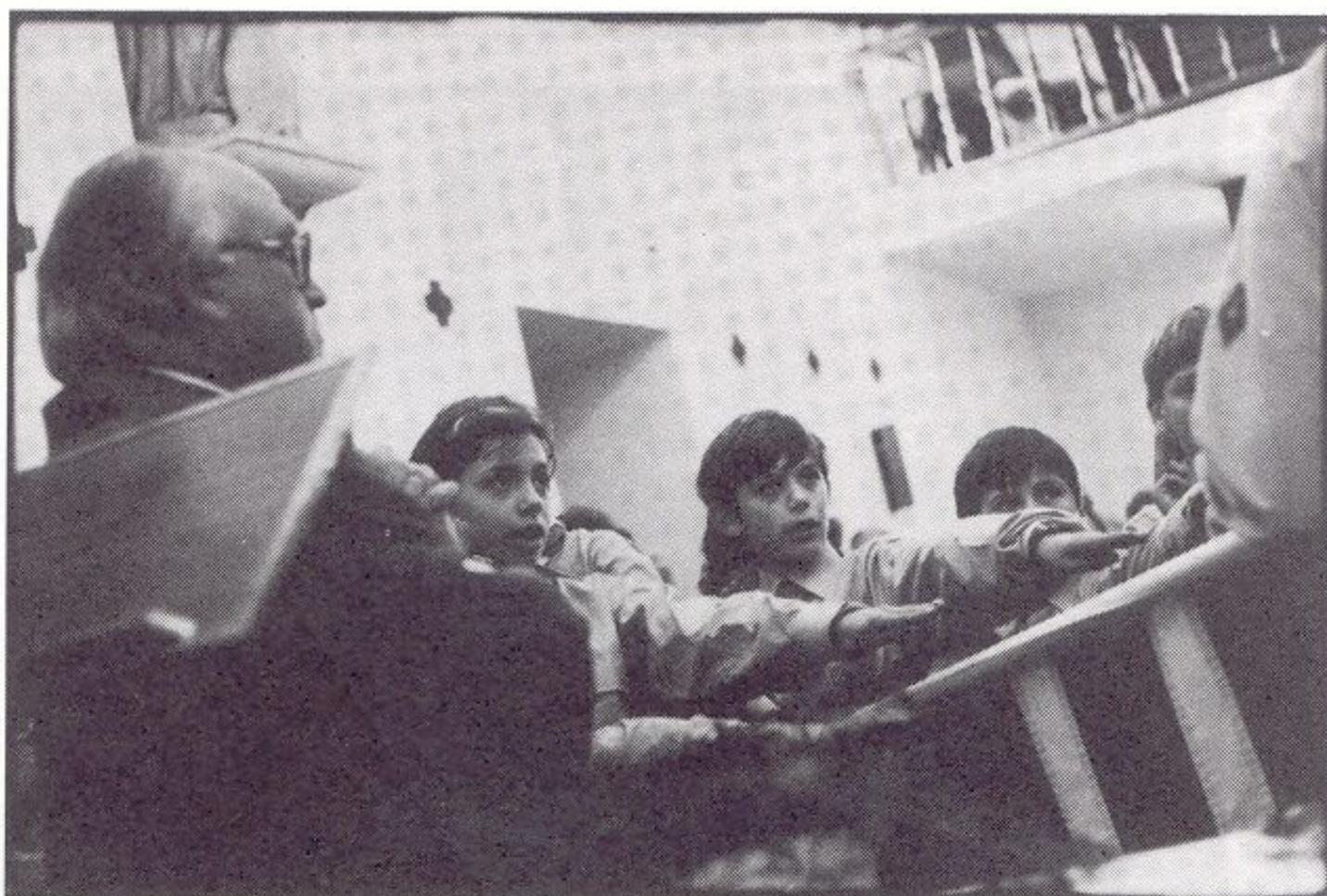
Fátima é sem dúvida a Catedral da Fé portuguesa. E tudo acontece lá, mês após mês, ano após ano. Mas se pensarmos sobre a vida de Fátima, chegamos sempre à conclusão de que tem duas vertentes - a Fé e o dinheiro.

Em Fátima os peregrinos não são a única constante, e paralelamente aos peditórios e caixas de esmolas para a manutenção do Santuário, existem os eternos mendigos e vendedores ambulantes.

A diferença está entre viver com a sua Fé e viver da Fé dos outros.

E nós, como é que vivemos em Fátima?





O GRUPO

Eu, tu, ele...

diferentes, únicos...

sózinhos... e, no entanto,

faltava-nos o outro.

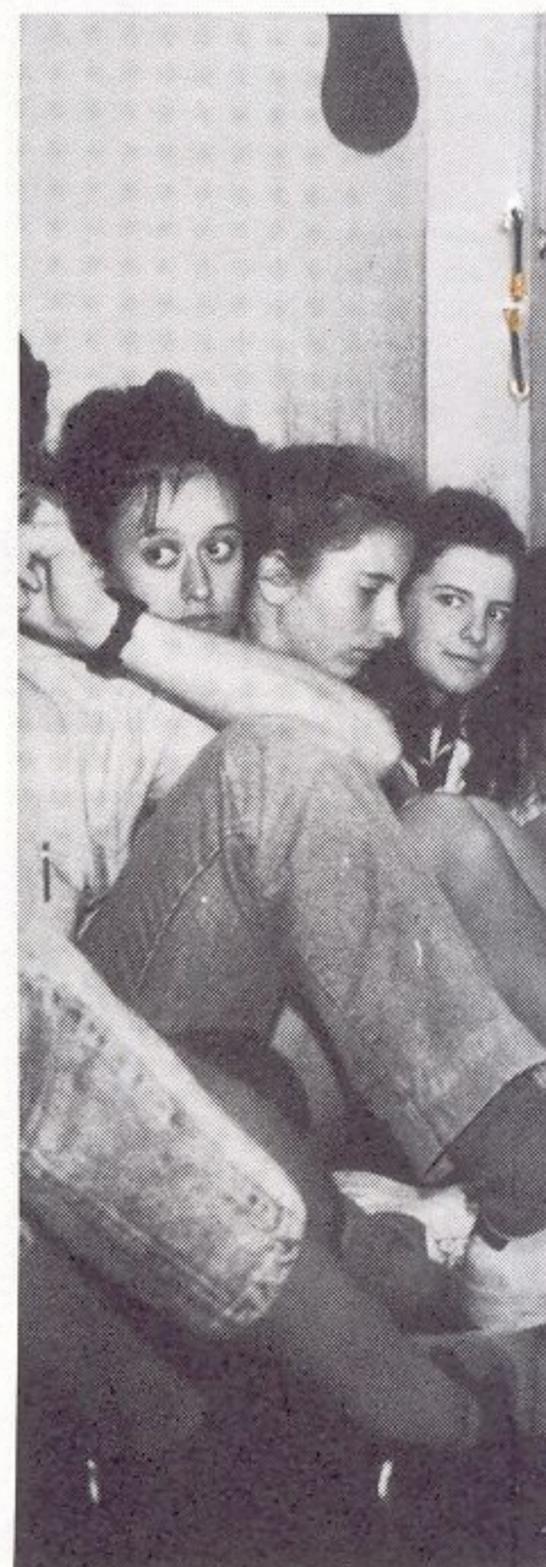
Encontramo-lo... na amálgama,
na molhada, no local onde fomos
buscar o que nos faltava: o outro!

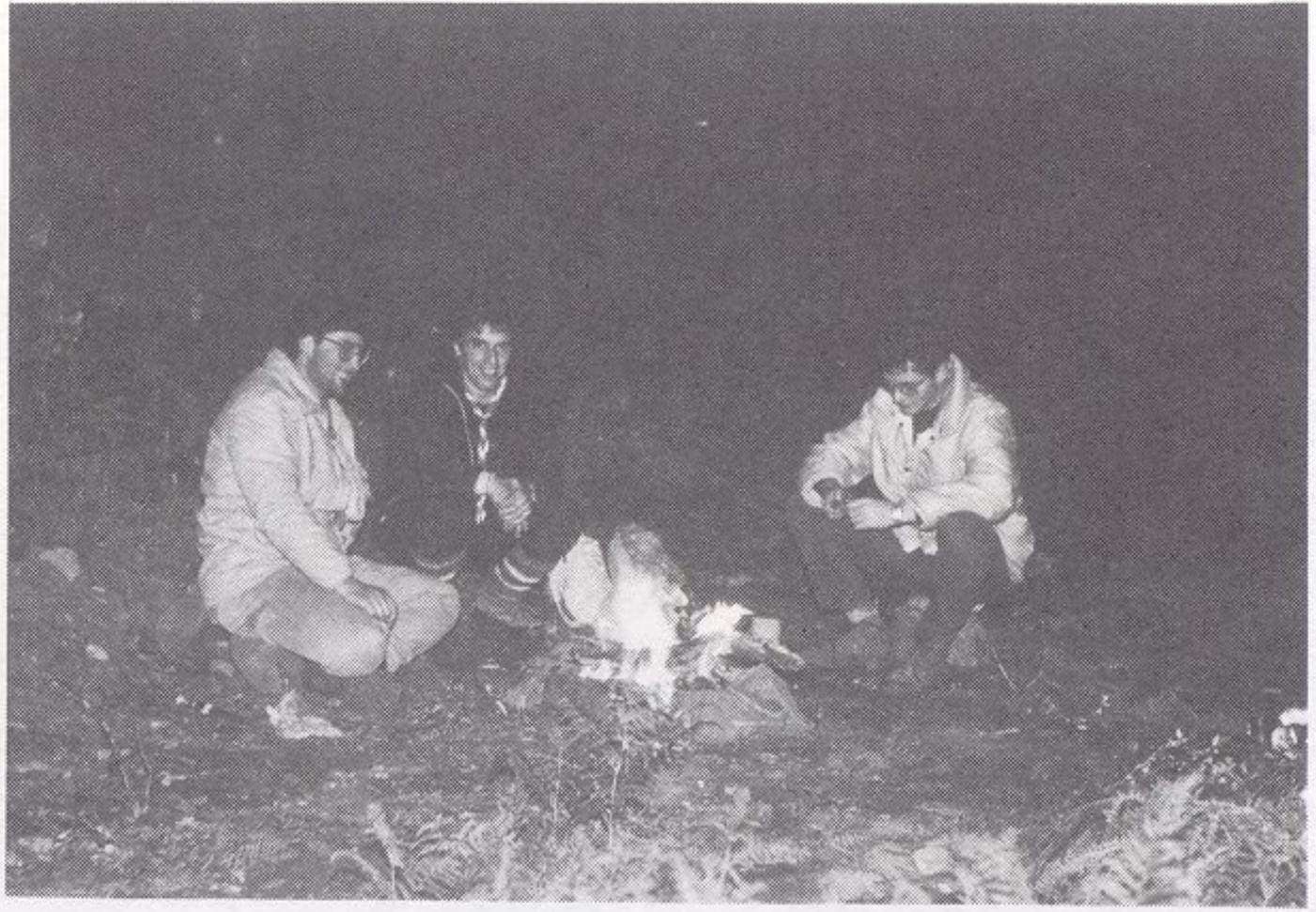
E constitui-se o grupo. E o grupo
afirma-se na acção, e afirma a
sua identidade na promessa.

E constrói a nossa identidade
na sua.

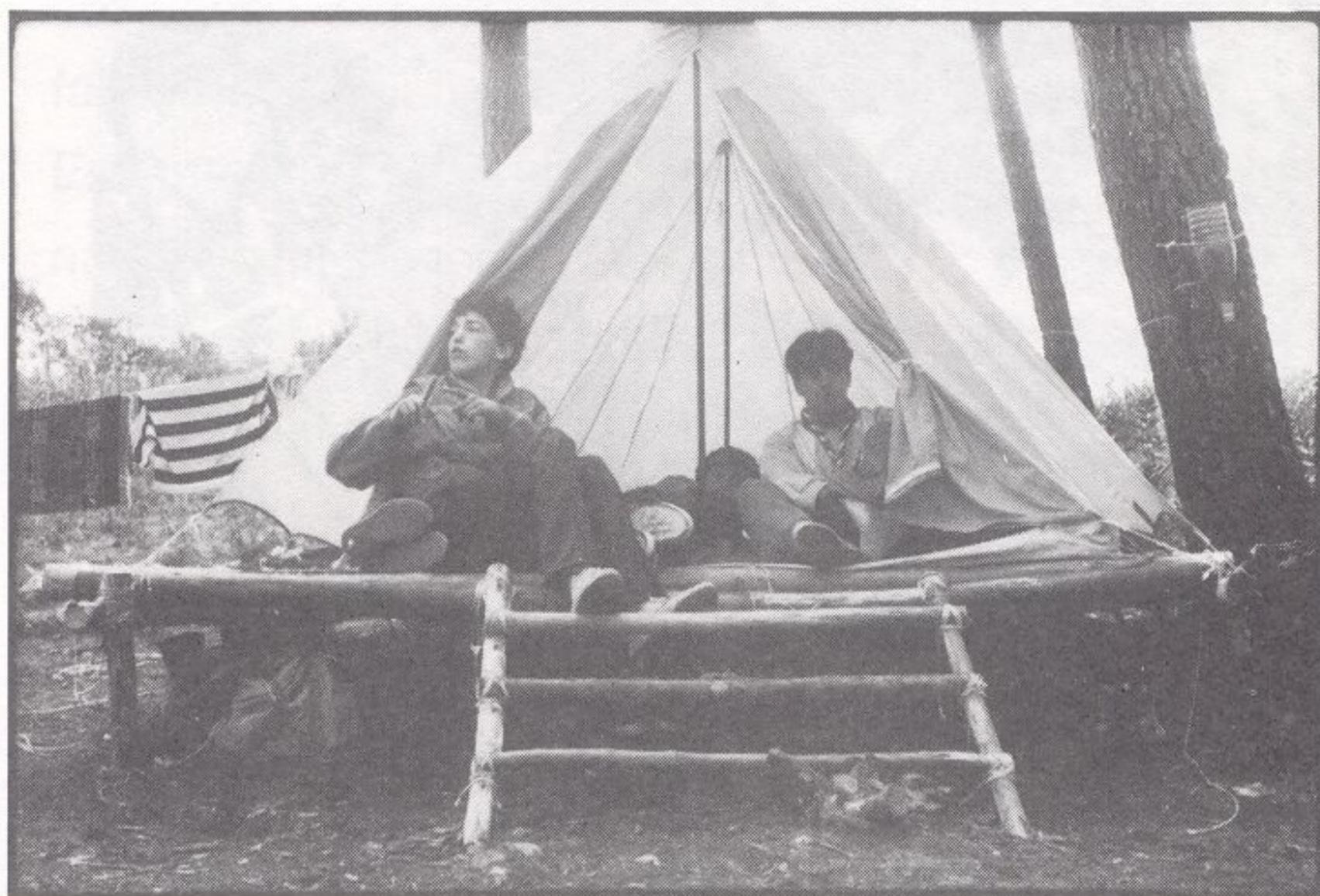
Cantamos, rimos, sonhamos...

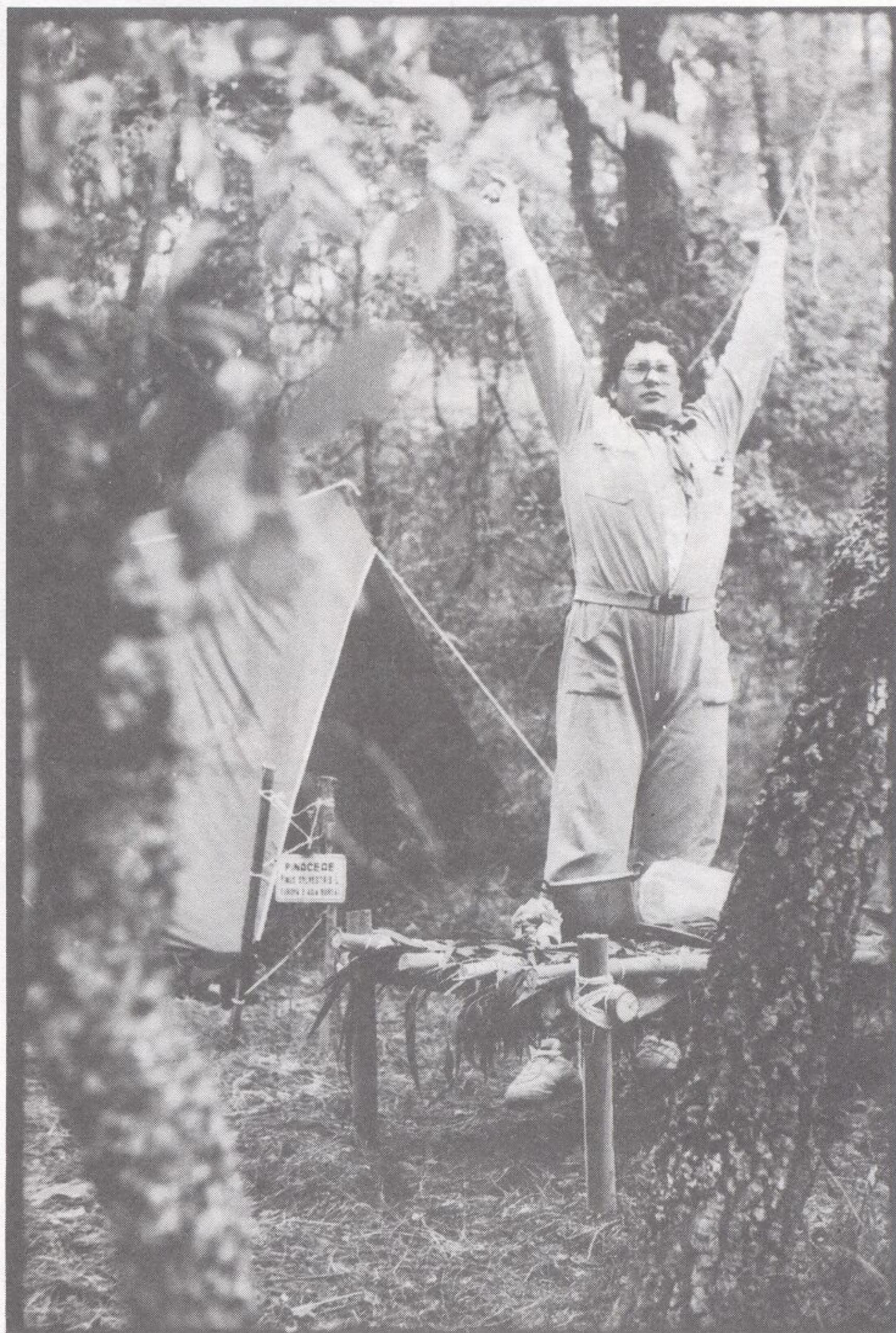
E todos somos só um.

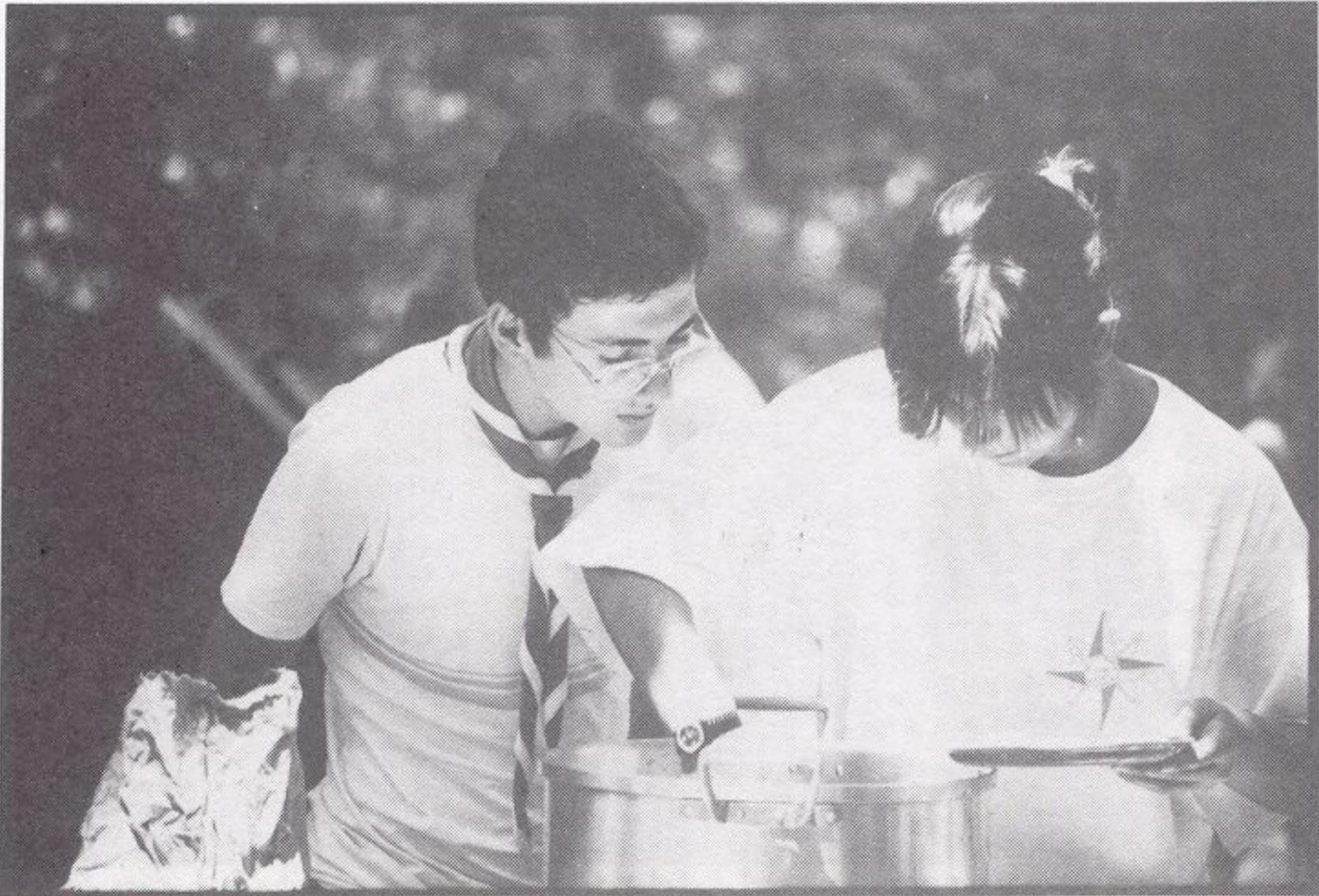
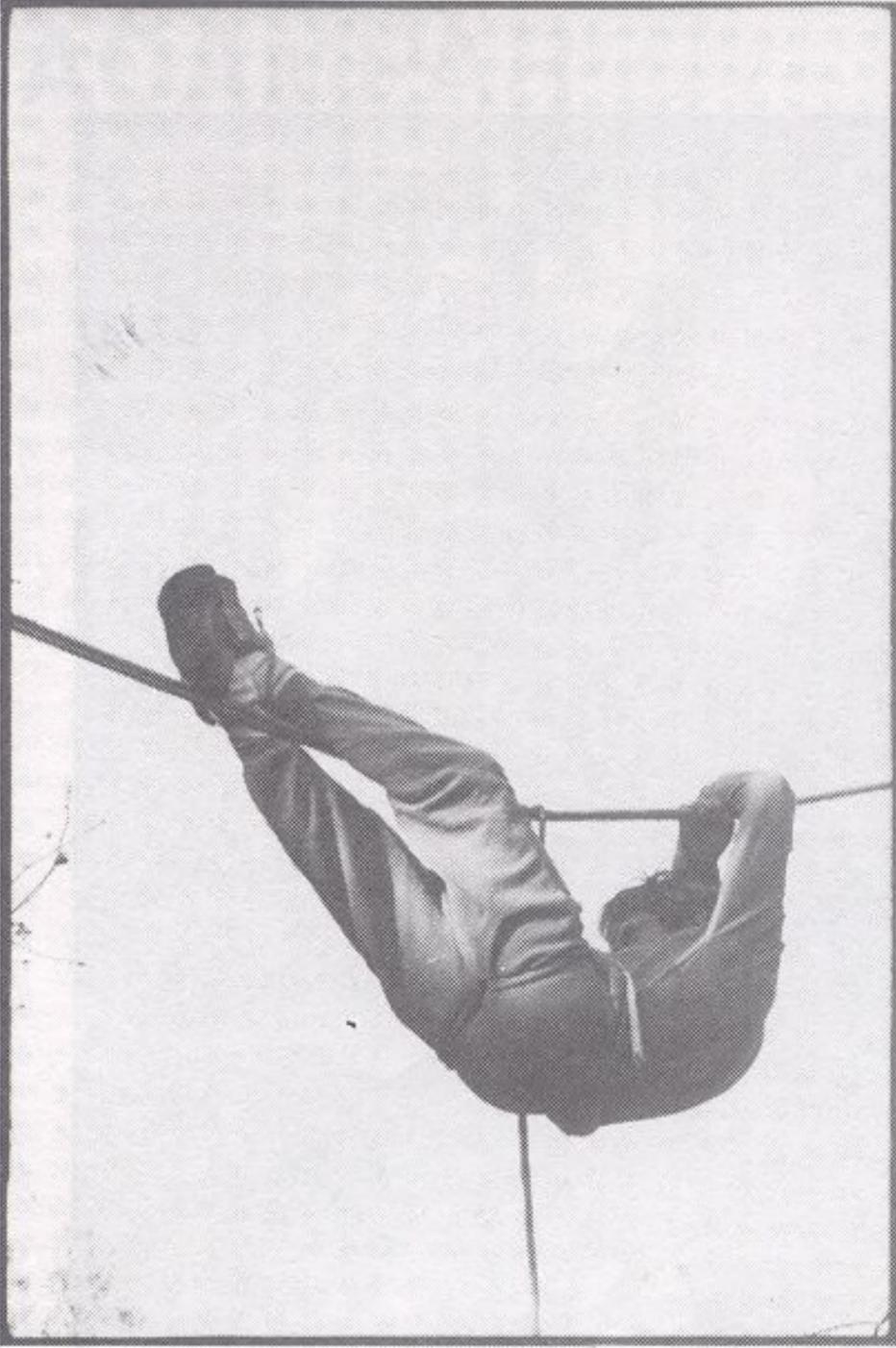




ACAMPAR









mansamente

Coisas que merecem umas palavras ligeiras...

esforçadamente

Os rapazes da Lis, **esforçadamente**, conseguiram o impossível: andar a horas (essa mesma coisa que o Mente, ultimamente, perdeu). Nós demos-lhes uma ajudinha... involuntária, diga-se. Estou a falar daquele número da lis que era integralmente preenchido com material sobre o próximo Jamboree Mundial. Como dizia na primeira página, lá bem no fundo, foi o Mente que traduziu aqueles textos. Pois é, perdoem lá o mau feitio mas:

Nós não temos culpa pelo facto de a Lis ter feito o que fez com aqueles textos!

Quando nos solicitaram a respectiva tradução, disseram-nos que se destinaria a um mero suplemento, coisa de 16 páginas e, no fim, aquilo esticadinho, fizeram dela a Lis inteira. Trocaram um bom suplemento por uma má revista.

Pela nossa involuntária colaboração na marosca, que dizer? - olhem lá, desculpem sim?

uniformemente

Parece que está já a caminho:

Vamos ter um novo uniforme!

O Conselho Nacional nomeou uma comissão para que os protótipos da fatiota nova estejam prontos a ser observados e criticados por todos no próximo Nacional.

No próximo Nacional, lembrem-se: não se esqueçam vocês nem deixem que se esqueça a dita comissão. Antes que a gente a veja, lá para Agosto de 92, bater com a mão na testa e dizer: "o quê?, era para já; pensávamos que estavam a falar do Nacional de 96."

Entretanto, parece que ganha vantagem a proposta que aponta para camisa xadrez de "pescador", calças brancas de linho grosso, galochas e cobertura de cabeça à escolha do freguês (entre chapéu de palha alentejano, barrete campino e passa-montanhas ilhéu...).

Teste Mente Tipos de Dirigente

Em qualquer “curseco do” CNE nos bombardeiam com um teste de liderança. Querem à viva força rotular-nos: ditadores, permissivos, ausentes...

Neste Verão resolvemos embarcar na onda e oferecer-lhe, de bandeja e sem encargos, o Teste Oficial do MENTE de Tipos de Dirigentes, numa versão muito próxima da que usamos para recrutar os nossos colaboradores...

1. Você é chefe dos Exploradores (ex-júniors). Ao falar com os pais você descobre, por acaso, que uma das miúdas que vai amanhã fazer promessa não é baptizada. Você:

a) Diz aos pais que o Regulamento não o permite e para ela aparecer outra vez quando estiver baptizada

b) Faz uma breve prelecção aos pais sobre a necessidade de combater o Maligno e o risco de a miúda ir direitinha para o Inferno, exigindo o baptismo público com todos os escuteirinhos à volta, sem o qual não há promessa para ninguém.

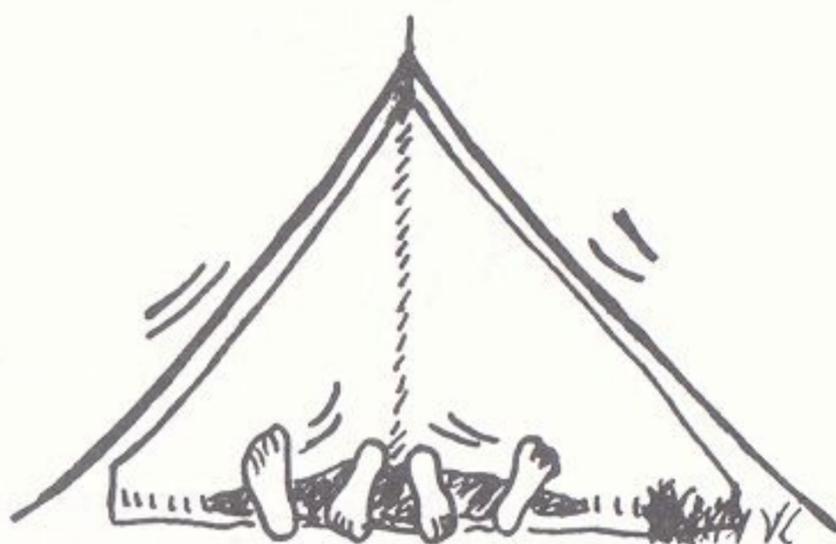
c) Fecha-se em copas e dá a promessa à miúda, seguindo o caso posteriormente.

2. Numa época de muito movimento, o D.M.F. fia-lhe uns contitos em material, esquecendo-se de cobrar a conta.

Passou um ano, e você:

- a) Vai ao DMF e paga a conta.
- b) Fica calmamente à espera de ser cobrado.
- c) Tenta a sua sorte segunda vez.

3. Você é chefe dos pioneiros (ex-Séniors). Durante um acampamento encontra o seu Guia de grupo e a subguia dele no truca-truca. Você:



a) Pára com aquilo e expulsa-os de campo.

b) Pára com aquilo e expulsa-os do C.N.E.

c) Faz de conta que não vê e cria uma oportunidade para discutir essa situação hipotética com todo o Grupo.

4. A sua mulher detesta Escuteiros e outros bichos semelhantes. Quando é hora da reunião, você:

a) Manda-a à fava e vai para a Sede.

b) Diz que vai ao café e vai para a Sede.

c) Fica meia-hora a discutir e chega atrasado à Sede.

5. Uma equipa pilhou duas galinhas e foi comê-las para a Sede. Você soube, vai lá e:

a) Convince-os que é incompatível ser-se Escuteiro e roubar, e pede-lhes que tomem uma atitude.



b) Expulsa-os do CNE para que as pessoas vejam que por cá não se brinca.
c) Fica a comer as galinhas com eles.

6. Um dos seus miúdos é repetidamente espancado em casa. Você:

a) Diz-lhe para ser forte e lembrar-se que Cristo sofreu muito mais por todos nós.
b) Oferece ajuda ao miúdo, fala com os pais e, se necessário, pede ajuda.
c) Não tem nada a ver com o que se passa fora dos Escuteiros.

7. Uma das suas pioneiras está grávida. Como é que soube?

a) Pela própria.
b) Pela má-lingua.
c) Por acaso.



8. Chega o Verão, quando todos estão disponíveis e com vontade de fazer algo. Você:

a) Faz a Grande Actividade que anda a planear há que tempos.
b) Reúne o pessoal e pergunta o que querem fazer no fim-de-semana.
c) Fecha o Agrupamento para férias.



9. Um miúdo novo quer entrar para os escuteiros. Os putos dizem-lhe que ele se droga. Você.

a) Não o deixa entrar porque não queremos cá disso.
b) Só acredita vendo.
c) Pede ajuda.

10. Entre o seu Agrupamento e a Associação Recreativa e Cultural Juvenil lá da terra existe uma diferença:

a) Abissal.
b) Assim-assim.
c) Diferença? Porquê diferença?

11. Qual a participação do Padre na vida do seu agrupamento?

a) Vai a alguns acampamentos.
b) Vai só às promessas.
c) É ele que dá as reuniões.

Pontuação:

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.
a)	1	2	1	3	3	2	3	3	1	3	3
b)	2	3	2	2	2	3	1	2	2	1	1
c)	3	1	3	1	1	1	2	1	3	2	2

11 a 16 pontos - O Polvo

Mas ouça lá, o que é que você anda por aqui a fazer? Nem o Assistente Nacional teve uma pontuação tão baixa! É fixe pensar no outro mundo, mas entretanto temos de educar a malta neste. E por falar em educar, você tem umas ideias muito interessantes sobre pedagogia. Apareça por cá que a gente discute isso. A sério. Vai-lhe fazer bem conhecer Escuteiros.

17 a 25 pontos - O Tubarão

Sim, meu capitão. O meu sargento não se esqueça que a força parte mais do que

verga; já experimentou fazer construções com varas partidas, meu coronel? Não se esqueça que até o nosso Primeiro se modificou depois das eleições. E não faça sondagens entre os miúdos. Ganhava a oposição.

26 a 30 pontos - O Golfinho

Você é um chefe absolutamente normal, embora tenha por aí umas arestas que era bom limar... Continue assim mas não abuse. Procure nunca expulsar ninguém, nem sequer da tenda; a culpa é sua por dar feijoada ao jantar.

30 a 33 pontos - O tal

Você é um tipo fixe, mas muito solitário. Já reparou que não há mais chefes assim? Resta-lhe o consolo de nas actividades regionais os miúdos quererem sempre ser do seu grupo. A propósito, a nossa morada vem no fim da revista. Apareça por cá para tomar um copo. Já pensou em escrever para uma revista?



PETZL

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

SUBMATE Ida

TUDO PARA ESCALADA, MONTANHA, ESPELEOLOGIA
ORGANIZAMOS CURSOS DE ESCALADA E ESPELEOLOGIA
PEÇA INFORMAÇÕES POR TELEFONE

AV. EUA, 48-A • 1700 LISBOA • TEL. 80 37 29



mente

JOSÉ LUÍS CASTANHEIRA

O MENTE parece estar a abandonar a “neutralidade suíça” das eleições nacionais de 1987. Acho muito bem.

No nº 3 (2ª série) o tema eleições é aflorado, sendo levantadas algumas “poeiras” que talvez valesse a pena aprofundar.

Como eventual candidato gostaria de surgir algumas reflexões:

1. O Miguel diz: “e, no final, algumas relações cortadas e a perda imediata de pessoas válidas para o Movimento, com o afastamento de algumas outras”. De quem está a falar?

Acredito que as “pazes podres” e os conselhos vazios e oportunistas são um problema grave num Movimento que, por essência, é plural e dialógico.

Quando o que está em causa é o bem dos escuteiros, os animadores devem ser capazes de se “zangarem”: a conflituosidade, resultado de sensibilidades, experiências e perspectivas diversificadas, desde que honrada e leal, é condição de diálogo, de criatividade e de inovação.

O princípio (de novo, em voga?) “quem não é por mim é contra mim” é fonte de totalitarismo e de abusos de poder (também no C.N.E.).

Como movimento de jovens escuteiros, o C.N.E. não pode deixar de ser democrático e de estar aberto ao diálogo. Porém, mais que uma democracia, porque movimento de Igreja, o C.N.E. é uma fraternidade plurigeracional. Nele tem de haver espaço (e oportunidades de expressão) para todos, mesmo para “quem não pensa como eu”.

2. A Ana Mota dá conselhos que, espero, todos sigamos. Todavia, julgo que os batoeiros precisam ser apontados, pois, de outro modo, todos estamos a ser metidos no mesmo saco.

Em 1987, não me apercebi que qualquer elemento da lista que integrei (a vencida) tivesse cometido qualquer ir-

regularidade.

Este ano, desde já peço a todos os es-
cuteiros que nos apon-
tem toda e qualquer in-
correcção cometida por
qualquer dos elementos
da lista que espero seja
admitida.

3. Nas últimas re-
spostas da entrevista, o
Padre Filipe tece críticas
a alguns processos ele-
itorais: “tenho pena se
acontecer o que já aconte-
teceu na história do
C.N.E... que na se-
quência do processo
eleitoral surjam fracturas,
fissuras... e algumas
fiquem durante anos...”.
Seria bom que tais “frac-
turas” pudessem ser
objectivadas e, porven-
tura, analisadas em
diálogo.

Mas, mesmo que esse
seja o preço que uma
associação tem de pa-
gar pela sua democrati-
cidade, não será insigni-
ficante face aos custos
de um modelo não-de-
mocrático? Quando as
chefias (do Agrupamento
à Nacional) eram desig-
nadas, o C.N.E. era mais
fraterno e existiam
menos conflitos?

O maior problema
eleitoral do C.N.E.,

quanto a mim, é o “tasse
nas tintissimas” de tan-
tos dirigentes: em 1987,
58,8% não quiseram ir
votar. A abstenção, o
alheamento, a não par-
ticipação são o problema!

Apesar das imper-
feições, a democracia no
C.N.E. tem funcionado e
o desafio parece ser
como fazê-la evoluir de
representativa para par-
ticipativa. A propósito,
vale a pena ler a ex-
celente reflexão do João
Paulo Jeijó, publicada no
Mente nº 16 (Abril 1988).

O C.N.E. continua a
merecer o nosso empen-
hamento, sobretudo na
(re)animação de um
esforço colectivo para o
livrarmos do marasmo
pedagógico para onde foi
conduzido.

E mais não digo para
não ser acusado de es-
tar a fazer campanha!

Estou à vossa dis-
posição para, em igual-
dade de circunstâncias
com as outras listas
concorrentes à Junta
Central, fornecer o ma-
terial que entenderem
necessário para o es-
clarecimento dos vossos
leitores.



**O maior
problema
eleitoral do
C.N.E., quanto
a mim, é o
“tasse nas tin-
tissimas” de
tantos dirigen-
tes: em 1987,
58,8% não
quiseram ir
votar.
A abstenção, o
alheamento, a
não partici-
pação são o
problema!**



E vamo-nos ao quarto:

“O escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros escutas”.

Eis um outro daqueles artigos da nossa Lei que (encaremo-lo apenas na sua redacção) não tem onde se lhe pegue: é perfeito!

O quarto parece, po is, intocável. É uma daquelas proposições maneirinhas e bem intencionadas que se espeta sempre no rol de obrigações a que se submetem os membros de um movimento tão maneirinho e bem intencionado como o escutismo - que falha então?

Falha o costume. É, uma vez mais, questão de distâncias; distâncias que vão do que se diz ao que se faz, do que se postula ao que se executa, do que se propala aos sete ventos ao que se leva à prática real do dia-a-dia. No C.N.E. temos as nossas distâncias. Algumas, devo dizê-lo, mais que razoáveis...

As distâncias do quarto são, por si mesmas, um belo exemplo. Começemos pela primeira parte: “O escuta é amigo de todos...” Não é bem que se diga só por dizer mas, o “*todos*” não nos parece tão abrangente como resulta de uma primeira leitura. Somos, obviamente, amigos de alguns: amigos dos nossos amigos, amigos de quem nos dá jeito, amigos até, pelo menos em intenções, de toda a mole de desconhecidos com que este mundo nos rodeia e que, desconhecidos como são, nunca nos aborreceram, mas, alto lá!, há por aí uns que a gente ia-se a eles e comia-lhes os fígados.

Tudo isto é justo e honesto. Não se pode, de forma nenhuma, ser amigo de toda a gente. **Ele**

há por aí uma malandragem!...

Mas isto não põe o quarto em causa. É só uma questão de perceber que o todos não é todos... e pronto, deixemos a primeira parte do artiguinho, tão pura e linear, e vamos à segunda que é essa que, parece-nos, sofre mais com as distâncias:

“... e irmão de todos os outros escutas”.

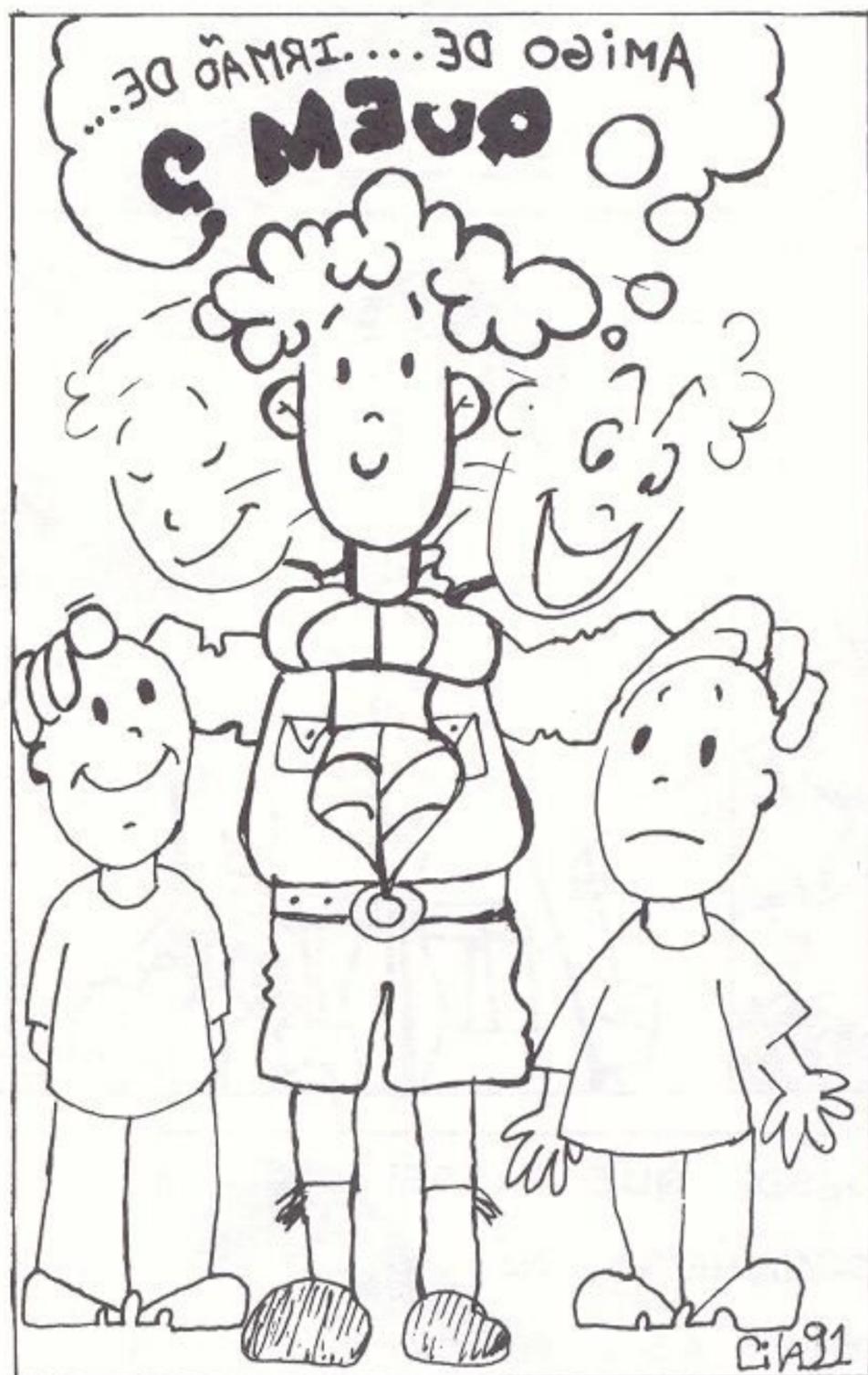
Irmão de quem? - alto lá com essas confusões de paternidade. É que, mesmo de lenço ao pescoço, ele também há por aí uma malandragem...

Este último parágrafo poderia ser fruto exclusivo de deficiente labor mental da nossa ruim pessoa, mas basta que nos desloquemos a Conselhos Nacionais, Regionais e outros, que estejamos presentes numa dessas reuniões de “facções” escutistas que toda a gente diz que não há, para nos apercebermos de que cada escuteiro do C.N.E. tem por malandro, indesejável e digno de levar porrada, para aí 50% do efectivo da Associação, lobitos incluídos.

Mas atenção aos mal entendidos, é que, irmão por irmão, nada parece haver nestas atitudes e formas de pensar que negue que nós, escuteiros, o somos. Tudo depende um pouco da forma do parentesco em cada caso específico. Se nos referimos a irmãos irmãos há todo um rol de histórias que começam, nos meus registos, com Caim e Abel e que nos dizem que ele há uma forma de relação historicamente legitimada que nos permite triturar, moer, esfolar... o outro, sem pôr em causa o parentesco. Se os escutas são irmãos, são-no e pronto, está dito... o que parece ridículo é presumir que tal estatuto acarrete, por arrastamento, atitudes de deferência, carinho, amor... de uns para com os outros. Ser irmão não tem, obrigatoriamente, que levar a tais meiguices. E, portanto, nada obsta a que esteja a cumprir, em plenitude, o quarto, todo aquele escuteiro que se volta para o outro e lhe diz: “*o irmão escuta é uma besta quadrada...*”, ou “*retire o que disse ou vou-lhe ao focinho*” ou “*vossemecê, irmão escuta, é um verme ras-tejante que nada mais sabe que inventar intrigas*” e outras preciosidades da lusa língua que

são audíveis no tipo de reuniões a que oportunamente nos referimos e outras de que nem vale a pena falar. Eu, cá por mim, assumo que também sou assim a modos que o Caim (ninguém de tino médio se quer na pele do Abel) e que há por aí uns tantos irmãos escutas em quem casco, com ou sem razão conhecida, com aquela velha convicção de que, se eu não sei porque é que lhes estou a zurzir no pelo, eles sabem...

Mas, obviamente, tudo isto acontece no



movimento porque temos uma definição do "irmão" que se confunde com a dos parentescos de sangue dos irmãos irmãos, a quem são permitidas e em quem são legítimas as atitudes acima mencionadas. Ele há por aí uns teóricos que dizem que o "irmão escuta" pertence a um outro tipo, e que, não sendo irmão por hereditariedade biológica, o é por opção livre e voluntária,

o que seria o mesmo que dizer que tem responsabilidades acrescidas pois, com a adesão ao movimento, se obriga livremente a ter como irmã terna, carinhosa e respeitada, toda a fauna que já lá se encontra (e, por arrastamento, a que há-se vir) com a sua incrível miscelânea de papalvos e patifes, educados e azeiteiros, boas-pessoas e bandidos potenciais.

Tolice!

Não é que não fosse isto que o velho B.P. queria dizer quando redigiu o artiguinho, mas

temos que lhe descontar a sua infundável confiança na natureza humana que o levava a dizer que em toda a gente havia algo de bom (que infantil candura!) que era possível aproveitar (que irreverente optimismo!). Os tempos são outros e nós, que temos que ler a Lei do Escuta no final do século XX, temos que o fazer com a luz que oito décadas de progresso lançaram sobre as palavras do glorioso chefe, entender-lhe as limitações e buscar-lhe a interpretação mais consentânea como o Portugal de sucesso em que hoje vivemos.

Por isso, ao contrário de muitos de vós, cândidos optimistas, não acreditamos nessa história dos irmãos por aderência. Preferimos, logicamente, continuar a haver-nos com os nossos Abéis.

Não vai, portanto, sair daqui nenhum manifesto a favor de um mais escrupuloso cumprimento do quarto. Nenhum juiz honesto poderia indicar uma falta no cumprimento deste artigo. Cumpre o quarto quem recebe escutas de outro país e lhes abre as portas da sua casa como se os conhecesse à décadas. Cumpre o quarto o que se recusa a emprestar o machado ao escuta de outro grupo que não levou o seu para a actividade (ele há irmãos capazes de se esquecerem de devolver o machadinho).

Cumpre o quarto o que aconselha, o que auxilia, o que critica, o que castiga, o que confia, o que desconfia, o que dá e o que tira. São tudo atitudes de irmão, como as vemos por aí espalhadas em muitos filhos da mesma mãe.

CLEMENTE



Caminheiro



Testemunhas e Testemunhos

Cito de memória um panfleto dos nossos amigos - Testemunhas de Jeová:

“Tem problemas de saúde (reumatismo, artroses, gota, etc.), dinheiro, família? O Senhor tem a solução para tudo. Venha ao Pavilhão dos Olivais e saia curado”.

Pois é. Parece fácil. Os padres é que complicam tudo. A gente vai à missa, confessa-se, comunga, e continua a ter problemas. No trabalho, na família, no corpinho. Mas deixem lá os padres. Venham a nós, que a gente alivia-vos. Os males, e talvez também a carteira.



Já o Mestre teve problemas desses. Ele a falar das bem aventuranças. E o pessoal a berrar “Faz mas é uns milagres, vá!”.

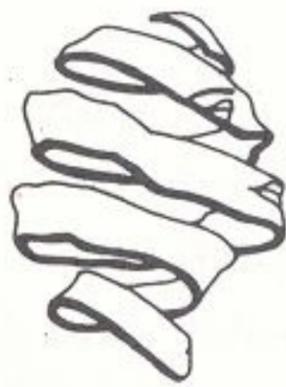
E ele, qual John Wayne apontando o Rio Grande aos que o tinham de atravessar, guiados por ele: “Eu nunca disse que ia ser fácil...”

Enquanto as Testemunhas vão oferecendo soluções, temos nós de oferecer testemunho. Dum Deus que não dá respostas fáceis, porque todas pressupõem conversão inte-

rior. E conversão interior custa p’ra burro, quanto mais p’ra ser humano...

Temos de olhar doutra forma para a Cruz. Já nos disseram que era tudo, agora vêm-nos dizer que não é nada. Tá mal e tá mal. O que a Cruz é verdadeiramente é o sítio onde Cristo olhou de se esperado para o Céu, pedindo auxílio, embora sem se arrepende do Seu in-

finito sacrifício. Parece que se ouviu uma voz dizendo em tom amargurado: “Eu nunca disse que ia ser fácil...”



mente

TRATAR A DIFERENÇA POR TU

CONSTRUTIVAMENTE...

IRREVERENTEMENTE...

PROFUNDAMENTE...

CRITICAMENTE...

INOVADORAMENTE...

EXCELENTEMENTE!

ASSINATURA DA REVISTA MENTE

NOME

MORADA

Assinatura anual (6 números) - 600\$00. A partir do nº

MENTE - APARTADO 3089 - 3000 COIMBRA